

VALLE FERREIRA - Um esteta em busca da simplicidade

WASHINGTON PELUSO ALBINO DE SOUZA

A convivência com Vale Ferreira deixava-nos a impressão do livro-de-cabeceira, onde tanto mais qualidades encontramos, quanto mais o relemos. A modéstia inteligente, a discreção sagaz, a amizade firme, a bondade no trato e a sabedoria nas opiniões constituíam apenas os traços visíveis que se aprofundavam sem limites, compondo a tessitura desta personalidade voltada para a culminância do *simples*. Por vezes, deixava escapar este encantamento pelas formas e composições em que a simplicidade teria sido atingida, não importa se num verso de Bandeira, num quadro de Modigliani, em notas cristalinas de uma sinfonia ou nos cambiantes reflexos de um pôr-de-sol no convento de Macaúbas.

Impressiona, por isso mesmo, na trajetória de sua vida, a perfeição com que se afirmava naquilo a que se propunha. Sereno, seguro, não alardeando capacidade, ia construindo com a qualidade que o tempo não apaga.

* * *

Lá pelos anos 20, vamos encontrá-lo em Juiz de Fora.

A comoção da Primeira Guerra Mundial abriu brechas culturais nas formas clássicas e sugeria novas soluções e experiências de criatividade. No Brasil, a inteligência moça fincava os marcos da autenticidade, redescobrando o "Barroco Mineiro", impondo a expressão em novo idioma estético. Além

montanhas, Mario Andrade, Oswaldo Andrade, Manuel Bandeira, Di Cavalcanti e tantos outros hoje festejados, sob críticas e resistências, mudavam a fisionomia cultural brasileira. Em Minas, contrariando o padrão do silêncio medíocre, os moços do movimento “Verde” em Cataguazes, da “Revista” e do “Leite Crioulo”, em Belo Horizonte, contavam com Valle Ferreira nas páginas dos jornais de Juiz de Fora.

Desta fase poética podemos retirar elementos valiosos, tanto para o estudo do movimento modernista em Minas, como para a melhor compreensão desta personalidade definida pela absoluta lealdade ao ideal a que se entrega.

Um primeiro depoimento pode ser encontrado na entrevista concedida por Valle Ferreira a Peregrino Júnior, que, então, ouvia os participantes desse movimento intelectual para o suplemento literário de “O Jornal”. Datada de 12/2/1927, intitula-se “UMA HORA COM O SR. VALLE FERREIRA”. Dizia o entrevistador de então:

— “Este poeta mineiro diz-nos a sua opinião sobre o movimento moderno” — “É muito moço. Vê-se pela resposta. Falou com desembaraço. Na mesma linguagem em que falam os modernos de S. Paulo”.

— “Talvez não haja, no atual momento mental do Brasil, um fenômeno tão curioso e singular como o modernismo dos mineiros.

Os rapazes de Minas viviam no seu canto, entre as suas plácidas montanhas, quietos. De súbito, publicaram uma revista, publicaram livros, começaram a atuar. E, com brilho! Mostraram inesperadamente que estavam informados de tudo quanto os “leaders” daqui e de S. Paulo pregavam como novidade — que liam, que estudavam, que trabalhavam”...

“...E foi a “Revista” que nos revelou a existência, em Minas, de uma geração interessantíssima de moços: Carlos Drummond, Martins Ferreira, João Alphonsus, Valle Ferreira, etc”.

Após essa introdução do entrevistador, situando Valle Ferreira no movimento mineiro, vem as respostas do entrevistado:

“O momento dos moços” — “Eles todos andam por aí com uma porção de coisas para fazer ainda, o que dá dor de cabeça em muita gente boa.

“E que grande barafunda de idéias, a gente vê o desencontro de paixões, divertidíssimo. Não se iluda, não: são divergências de passatempo, divergências de encomenda e sem medida, que vêm para mostrar a grande agilidade de cada um e a bruta vontade de atrapalhar a escrita antiga, copiados que uns sujeitos andavam fazendo por aqui sem autorização de ninguém. Pois é assim mesmo: estamos vendo a toda hora uns rapazes a fazer fosquinhas para os outros, este vive dizendo que aquele caminha errado, e, etc. etc.”.

“Ninguém sabe o que quer” — “Mas, a verdade é que ninguém sabe o que quer, nem é preciso bulir com isso agora, porque no fim de contas o negócio todo acaba dando certo”.

Esta, a posição do jovem jornalista e poeta, participante ativo do movimento modernista.

Não publicara livro de poesias e sua obra, esparsa pelas revistas e jornais, também não foi volumosa. Com certa dificuldade, conseguimos alguns poemas da época, que não consideraremos selecionados, por terem sido os únicos que nos caíram às mãos. Aqui os temos:

“Capital

A Estação sem prática da vida

Exatamente a prumo,

dá aos trilhos da Central uns ares de Railway

TRANSCONTINENTAL,

motivo por que o moço
de boné saiu dizendo
que o R1 achou melhor
Ficar por aqui mesmo,
pra cair na farra...”

NOTA — Valle Ferreira tinha em sua formação, razões especiais para a escolha do tema ferroviário: o seu pai, antigo funcionário da Central do Brasil, chegou ao posto de Chefe da Estação dessa ferrovia em Juiz de Fora, e ele próprio, quando estudante, teria sido funcionário da Central.

“Apontamento

Ruas retas de uma paciência enorme...

Árvores inexperientes

fazem sombra de graça pros termômetros

e vão guardando os estudantes, coitadinhos...

Bar do ponto

altofalantes

centrifugantes

A Avenida Afonso Penapai

faz uma cara de quem está aporrinhada,

vai indo...

perde as estribeiras

e sai correndo pelo morro acima”.

NOTA — O principal ponto de encontro do que Belo Horizonte tinha de mais expressivo na época do poema era o tornado célebre “Bar do Ponto”, na confluência da rua da Bahia com Av. Afonso Pena, que Valle Ferreira, evitando a confusão do nome com a de Afonso Pena Junior, chama *Penapai*. A sombra famosa das carreiras de “ficus” da principal artéria belorizontina servem de painel ao poema. A tranqüilidade da vida na capital provinciana oferece-lhe o motivo.

“Postal

Praça da Liberdade

— libertas quae sera tamen —

Palácio da Liberdade,

Alhambra desapontado, com inveja do jardim,

agachado atrás da moita,

Que Agache que o quê!”

NOTA — Na época, o grande urbanista francês Agache, visitara o Brasil e seu nome era utilizado para todas as intenções de modificações e modernizações das cidades brasileiras. A Praça da Liberdade, em Belo Horizonte, era o ponto dos “footings” dos jovens em dias de feriados e domingos e a capital se orgulhava dos lindos jardins que circundavam o Palácio do Governo, ali situado. A referência ao tema inconfidente, traz o toque político ao gosto dos mineiros.

“Ternura

950 metros...

E a brisa semvergonha das alturas

Faz festinhas ao sr. Presidente de Minas Gerais

o qual,

segundo a palavra oficial,
está passando bem muito obrigado”.

“Caparaó

Os termômetros marcam zero atôa atôa

Dois milioitocentos e oitenta e três virgula oito.

Pucha que até as Agulhas Negras ficam safadas

Com o Pico da Bandeira que vê

o mar direitinho por cima de

TUDO O ESPÍRITO SANTO

Amen”

Justamente porque nos falta autoridade para julgar o poeta, passaremos a tarefa a quem de direito. E só o fazemos por extrema delicadeza de D. Domicilia Machado Vale Ferreira, sua esposa de dedicação indescritível, companheira de cada instante, até o derradeiro, cujo desvelo não há palavras para traduzir. É que, embora houvesse referências vagas, nem aos mais íntimos Valle Ferreira falava da correspondência mantida na época com os expoentes máximos do movimento modernista. Com referência a Manuel Bandeira, deve ter-lhe aplicado a sua ironia chamando-o “cherife”, pelo que se vê da resposta do grande poeta:

“Rio, 22/dez./26.

Valle Ferreira

O seu *Ponto Limítrofe* está delicioso.

Por ele se vê que você é poeta e artista. Excelente o seu verso livre. Aí está a minha impressão.

Agora, por favor deixe essa história de cherife. Cherife de coisa nenhuma! Sou apenas, para lhe querer bem, um poeta como os outros.

Quando me manda mais coisas?

abraçe-me

Manuel Bandeira”

“Rio, 9/1/27.

Valle Ferreira

Às pressas embarco depois d’amanhã pra o Norte. Seu poema é delicioso e eu entreguei-o ao Rodrigo Melo Franco pra ser publicado na “Revista do Brasil”. Fiz bem?

Estarei de volta dentro de dois meses. Até lá.

Um abraço do

Manuel Bandeira”.

* * *

Exercendo profissionalmente o jornalismo na juventude, vamos encontrar o “dia-dia” da vida no sabor e na sabedoria das redações, era numa notícia sem assinatura, mas de estilo facilmente identificável, ora em colunas com títulos permanentes como “Minas Cartas” e “Gazetinha”, levando os nomes Genaert ou Valle Ferreira.

Vejamos como o estilo leve e mordaz do cronista consegue transmitir-nos, ainda hoje, o sabor de vida dos anos vinte, quando o cinema, o automóvel, o jazz-band eram introduzidos em nossa sociedade, ao mesmo tempo que os leitores exigiam opinião sobre o que seja a felicidade ou um sábio qualquer descobria que a cigarra da fábula tinha sido erroneamente compreendida e que a condição de indolente era, na verdade, devida à formiga.

Sobre a Felicidade

“Saber viver é saber amar; a vida é uma cena de amor. Sabe viver quem sabe acariciar idéias felizes.

Procura conhecer tua própria força, que encontrarás uma jóia. Aprende a auferir da vida a beleza natural, para descobrir a segunda jóia. Dá à tua inteligência novos conhecimentos dos homens e das coisas, e terá a terceira jóia.

Procura aliar teus pensamentos mais elevados aos gostos mais puros e encherás tua alma de estrelas.

Serás, então, feliz. A Felicidade é tão rara. É muito vulgar, porque consiste numa série de insignificantes jóias, inteligentemente agrupadas, formando um conjunto delicioso”.

Sobre o jazz-band

— “O gosto pela música não se extinguiu; mudou, apenas, de caráter. Temos o Jazz-Band. A música é a arte do tempo. Nascida na mesma época que a verdadeira democracia, é a imagem acabada do estado social dos povos”.

Sobre o cinema

— “A gente das cidades, a despeito dos esforços empregados pelas empresas de cinema, já se vai entediando com seus “filmes”, por isso que não há quem não lhes fantasie o epílogo, à simples leitura do cartaz”.

A platéia, todavia, mais sonolenta que presa, aplaude ora mamboleios trêfegos de certa dançarina anacrônica, ora a figura macilenta de *galan* de aspecto de “anjinho”, mau grado sexagenário e bojudó”.

Sobre o automóvel (a crônica é dedicada ao seu amigo Dr. Freire)

... “não fora o automóvel, *demoiselle* era vulgar; não fora *demoiselle*, o “chauffeur-amador” seria, simplesmente um... chauffeur. A vida de um, pois, consultava a do outro e, ambos viviam de automóvel.

Rapaz extravagante, por isso que poeta futurista, estabelecia entre ela, *demoiselle*, e ele, automóvel os mais audazes

paralelos. Assim é que, em cotejos petulantes, igualava às vezes, o bulício dos passos femininos ao ruído dos pneumáticos em avenida à beira mar. Não raro dizia a gargalhar de *demoiselle* análogo ao sinal de alarme do carro de seu mano...

O leitor espera, já sei, o clássico “casaram-se”. Enganou-se, visto que duvido haja quem adivinhe o alvo do poeta — se o automóvel, se *Demoiselle*...

Sobre a cigarra e a formiga (a crônica é dedicada ao seu grande amigo José Eutrópio, o genial mulato que influenciou toda a cultura da Manchester na época, gramático, musicólogo, poliglota, poeta, que arrastava para Juiz de Fora as grandes figuras da inteligência brasileira, como Antonio Torres e outros, realizando-se serões culturais memoráveis nas redações.

— “A fábula deve ter nascido de uma idéia muito boa. Tem vivido tanto...

...“o leitor sabe que Fabre passou toda a vida entre os bichinhos. Que era um homem kodak. O Homero dos insetos.

É velho hábito da gente falar da vida dos *outros*. E a história é sempre enfeitada com situações ridículas, com caracteres maus. Tudo, entretanto, falso, miseravelmente falso.

“O pior de tudo, porém, é que os Lafontaines são numerosos...”

* * *

No propósito de trazermos para esta reportagem alguns aspectos do pensamento de Valle Ferreira, além do que nos legou em sua obra de jurista, meditada, burilada, cheia de cultura e de ensinamentos preciosos, oferecemos até aqui algumas peças elaboradas na juventude.

Tomemos, agora, algumas anotações de preparo de aulas. Trata-se do período em que lecionava Direito Civil Comparado no Curso de Doutorado de nossa Faculdade. A letra firme traduz a idéia distilada:

— “Confusão a evitar: estudar o direito estrangeiro não é fazer Direito Comparado. São ordens de estudo contíguas;

uma serve de prefácio. É preciso passar pelo direito estrangeiro para chegar ao Comparado. A comparação é feita depois de cuidadosa escolha da legislação. Estudá-las no passado para ver a linha de evolução. Quanto ao presente, não apenas examinar os textos legislativos. Um texto tomado isolado é uma ossatura despojada daquilo que lhe deu vida; é um mecanismo em repouso. Certas regras se dessecam e perdem toda a importância, ficam teóricas, sem aplicação; outras, são deformadas pela vida jurídica.

Além disso, o aparelho legislativo, por mais completo que seja, só representa uma parte do direito de um povo. Além das criações novas da jurisprudência, muitas regras tradicionais, ainda que não escritas, conservam seu vigor”.

...“É o direito vivo, o que se efetua, o que sai das relações humanas, o direito aplicado nos Tribunais, o que cumpre descobrir e as mais das vezes ele é tão diferente da fórmula legal como o esqueleto do animal vivo. Isso é que é difícil descobrir: os usos da prática jurídica para *completar as lacunas*, ou *afastar* as disposições importunas da lei”

...“O direito da prática, o direito aplicado, só se revela em estado de crise, isto é, quando suscita um litígio nos tribunais. Isto é difícil de descobrir. Daí a razão de termos sempre exposição do direito estrangeiro e não direito comparado. O comparatista ainda está mal armado. Precisa conhecer a regulamentação e o funcionamento das instituições. Frequentemente a simples comparação da jurisprudência deixa ver, atrás das diversidades aparentes dos textos, a existência de correntes comuns da vida jurídica”.

* * *

Pelas suas próprias raízes maternas, Valle Ferreira recebeu intensa formação européia. Isto explica em grande parte os “hobbies” artesanais que cultivava com autêntica mestria e com desvelo esmerado. A fotografia levada aos requintes do jogo de sombras e dos “cortes” estéticos era tratada desde o paciente esperar de um reflexo do sol em contraste com

as nuvens sombreando o adro de uma Igreja ouropretana, até os detalhes da revelação ou da ampliação em seu pequeno laboratório.

Uma vez aposentado, quando o mal que o levaria apresentava-se como ameaça constante, redescobriu a Minas Gerais do Século XVIII e as suas sobrevivências nos monumentos modernos da Pampulha. Passávamos, então, horas à fio de dias sem fim, nas velhas cidades mineiras, aproveitando a tranqüilidade dos templos vazios em dias não santificados, ou apressando, quando não, retardando horários para fixar melhor as cambiantes do sol da manhã ou das maravilhas do entardecer ante o convento de Macaúbas, os cocares das palmeiras de Congonhas, a cintilação entre ouro e tacho velho do quase-crepúsculo da Pampulha ou o brilho ardente do amarelo dos ipês floridos de frente à Faculdade ou à Igreja da Boa Viagem.

A mesma maestria unida ao mesmo desvelo mostrava-se na delicada peça de madeira que restaurava como ninguém.

A mesma preocupação com o perfeito e o belo, estava na frase cristalina das petições, dos pareceres, dos estudos. Estava nas observações sobre a linguagem do sertanejo dos "Gerais", que ele freqüentara em tempos de fazendeiro-sócio do amigo incondicional Gabriel Bernardes, ou das perambulâncias pelas montanhas do Sul de Minas, com o não menos incondicional amigo e fraternal companheiro, dr. Abreu, engenheiro então encarregado do levantamento da Carta Geográfica do Estado.

Aquilo que o moço poeta, integrado num profundo movimento de brasilidade, dissera em versos, o pesquisador incansável continuava procurando em linguagem estética na espontaneidade e na simplicidade da vida mineira. Daí, nunca se afastou.

* * *

Infinda é a personalidade quando aberta para as coisas simples e puras que a vida oferece. Múltiplos seriam ainda outros prismas reveladores de Valle Ferreira. Mãos mais

hábeis se incumbem desta missão, mesmo porque além da incapacidade de fazê-lo, a profunda amizade que lhe dedicamos dificulta retomar-lhe a lembrança, sem a amargura dolorosa da saudade.

Perdemos Valle Ferreira, lá se vai um ano. Para dizê-lo melhor será repetir as suas próprias palavras de jovem jornalista, magistrado em 1 de fevereiro de 1924, a morte do seu irmão em poesia e em obstinada busca da perfeição pela simplicidade:

— “Morreu Guerra Junqueiro. Sua lembrança, entretanto, ficará guardada nos nossos corações como aqueles que, partindo para a sepultura, ficavam dentro da alma da santa velhinha de “Os Simples”.